

## Capitu, Lucíola e Isaura: uma releitura feminista da literatura brasileira do século XIX

*Capitu, Lucíola and Isaura: a feminist retelling of 19th century Brazilian literature*

*Capitu, Lucíola y Isaura: una narración feminista de la literatura brasileña del siglo XIX*

**João Santos da Silva Júnior**

Pós-graduado lato sensu em: Matemática, Português, Docência do ensino superior pela Universidade Candido Mendes – UCAM e Formação e Gestão em tutoria EaD pela Universidade Paulista, Brasil.

Professor da educação básica no fundamental II. Tutor de apoio presencial da Universidade Paulista – UNIP, polo de Caldeirão Grande – BA, Brasil.

E-mail: [joaosantos088@gmail.com](mailto:joaosantos088@gmail.com)

### Resumo

O presente trabalho trata-se de uma releitura analítica da literatura brasileira do século XIX. A literatura foi o caminho usado para dar vazão à imaginação e à criação, em determinados momentos surgiu como uma estrutura decisiva para o rompimento de ideologias prontas, que condicionava determinadas situações que iam de encontro com a realidade vivida socialmente. A releitura das obras: Dom Casmurro, Lucíola e A escrava Isaura emerge como um caminho identificador da luta feminina dentro da literatura brasileira do século XIX, na perspectiva de subverter-se a realidade e o contexto da época, os autores constroem personagens feministas com características inversas das mulheres da época, que viviam em uma sociedade patriarcal, submetida às vontades do homem. A releitura dessas obras busca identificar uma literatura feminista que representava os anseios das mulheres. Constituído de ideais as personagens visam aproximar-se de uma independência, na busca de direitos e de respeito.

**Palavra-chave:** Literatura brasileira; Mulheres; Movimentos feministas.

### Abstract

This paper is an analytical rereading of 19th century Brazilian literature. Literature was the path used to give the imagination and creation, at certain moments emerged as a decisive structure for the disruption of ready-made ideologies, which conditioned certain situations that went against the socially lived reality. The rereading of the works: Dom Casmurro, Lucíola and The slave Isaura emerges as an identifying path of the female struggle within the Brazilian literature of the nineteenth century, in the perspective of subverting the reality and context of the time, the authors build female characters with inverse characteristics of the woman of the time, who lived in a patriarchal society, subjected to the wills of man. The rereading of these works seeks to identify a female literature that represented the desires of women. Made up of ideals the characters seek to approach an independence, in the search for rights and respect.

**Keyword:** Brazilian literature; Women; Feminist movements.

### Resumen

Este artículo es una releey analítica de la literatura brasileña del siglo XIX. La literatura fue el camino utilizado para dar la imaginación y la creación, en ciertos momentos surgió como una estructura decisiva para la perturbación de las ideologías prefabricadas, que condicionaba ciertas situaciones que iban en contra de la realidad socialmente vivida. La relectura de las obras: Dom Casmurro, Lucíola y La esclava Isaura emerge como un camino identificativo de la lucha femenina dentro de la literatura brasileña del siglo XIX, en la perspectiva de subvertir la realidad y el contexto de la época, los autores construyen personajes femeninos con características inversas de la mujer de la época, que vivió en una sociedad patriarcal, sometida a las voluntades del hombre. La relectura de estas obras busca identificar una literatura femenina que represente los deseos de las mujeres. Compuesto por ideales los personajes buscan acercarse a una independencia, en la búsqueda de derechos y respeto.

**Palabra clave:** Literatura brasileña; Mujeres; Movimientos feministas.

Bibl. Esc. em R., Ribeirão Preto, v. 7, n. 1, p. 43-56, 2020.

DOI: [10.11606/issn.2238-5894.berev.2020.169324](https://doi.org/10.11606/issn.2238-5894.berev.2020.169324)

## 1. Introdução

A literatura brasileira em especial a do século XIX revela na sua estrutura características peculiares, que a denominam como algo especial e de valor. A construção textual abre caminhos para questionamentos que delineava ou estruturavam determinados conceitos sociais sem que fosse de encontro com a situação ocasional ou estrutural em que a sociedade vivia naquele momento. A intensa apropriação da ideia de imaginativo e criativo exposto nos textos literários, davam ao escritor margem para criticar ou expor mesmo que de forma indireta a sua subjetividade frente aos acontecimentos de que era constituída as diversas e diferentes camadas sociais. Nesse caminho o surgimento de uma literatura feminista, compõe um quadro revelador do empoderamento feminino, desde o século XIX, por meio ou dentro da literatura. A construção de uma personagem com características diferentes dos habituais na época, e com certo diferencial de representatividade imagética e de postura, que muitas mulheres buscavam ser ou alcançar, é que se constrói um pensamento em torno da existência de uma literatura feminina, que busca romper com as ideias patriarcais de famílias supostamente ideais, para o surgimento de uma nova mulher, independente, com vontades próprias, diferente do que era visto e vivido na época. Por tanto o objetivo metodológico dessa pesquisa de caráter analítico é validar a literatura brasileira do século XIX como uma precursora dos ideais e anseios feministas, que só foram tomar força no final do século XX. Fazer uma releitura da literatura brasileira do século XIX e em especial as aqui abordadas, é identificar mais um caminho que reforça a luta feminina pelo respeito.

No primeiro tópico desse trabalho é feita uma análise teórica das obras de Machado de Assis “Dom Casmurro”, Bernardo Guimarães “A escrava Isaura” e José de Alencar com “Lucíola”. O texto discorre acerca da construção feminina dentro da literatura brasileira do século XIX, buscando elencar as performances que trazem através da criação das personagens, tendências da revolução da mulher dentro da sociedade, tendo como base a imaginação com uma intrínseca relação com a realidade. Nesse sentido questiona-se o feminismo presente nas personagens femininas das obras, possuidoras de anseios e perspectivas. A base teórico que subsidia o desenvolvimento desse trabalho, possibilitou a construção das relações entre a literatura e os movimentos feministas surgidos no século XVIII na França, e posteriormente a criação da literatura romântica no Brasil na terceira década do século XIX. Na segunda parte é feita uma análise de cada obra buscando em cada personagem o protagonismo frente a crítica social, subvertendo-se as imposições do século e da sociedade.

## 2. A literatura feminista

A literatura do século XIX no Brasil desencadeou o processo de criação e reconhecimento de grandes autores nos tempos de hoje. Contudo o mundo já protagonizava outras formas de literatura, que a crítica literária, foi desvinculando-as do sentido literário. Segundo Zappone e Wielemicki (2003) o longo processo histórico não definiu até hoje o único conceito de literatura, porém, o que não se pode ocultar é que a maestria imaginativa e criativa fez de autores do século XIX grandes personalidades dentro do campo literário. A aproximação a realidade de forma crítica e harmônica, sem um enfrentamento direto porém com uma subjetividade autoral intensa, deu a muitos romances (obras) daquele século, uma característica diferente, saindo do romântico para o romântico realista como é caso de Dom Casmurro. Partindo para as discussões de: *Lucíola*, *A escrava Isaura* e *Dom Casmurro* todo o enredo volta-se para questões amorosas em que o ciúme acaba como centro dos questionamentos.

Algo que o machismo presente em *Bentinho*, *Paulo* e *Leôncio* transfigura paradoxalmente o tempo. Deixando de lado as harmonias amorosas e os arroubos de ciúme, as obras apresentam contradições entre as personagens femininas, o que dá um novo sentido para os questionamentos. Primeiro, *Isaura* é uma mulher, branca com exaltação da beleza de uma mulher da alta sociedade do século XIX, em outro momento ela seria uma simples escrava das vontades dos seus senhores. Com *Lucíola* a questão é ser uma mulher rica com poderes, que conquistava todos os homens, com beleza sobrenatural, que Paulo descreve com fervor, em outras linhas, é uma cortesã, mulher socialmente desprezível na época, por estar longe dos bons costumes. *Capitu* trazia a fidelidade de uma mulher do século XIX, pronta a servir aos outros, no entanto tinha personalidade forte, capaz de tomar frente das decisões. Essas representações feministas com características fortes fazem da literatura um meio não só de reproduzir o real através do imaginativo, mas de criar um elo entre a obra e o leitor.

O romantismo, característica do século XIX foi um grande movimento artístico que dava vassão à criação artística, ficou conhecido na Europa como movimento subjetivo e individualista, encarados por fatos pós revolução industrial e francesa. No Brasil o apogeu romântico foi a partir da terceira década do século XIX, cultivando as admiráveis performances românticas que aludia a uma vida de prazeres possíveis em contraste com a realidade ou até mesmo como uma crítica social. Gonçalves de Magalhães foi o primeiro autor da corrente romântica brasileira embalado pela imaginação dando independência e uma nova característica para a literatura brasileira.

Partindo da ideia de Barthes (2008) em que o autor escreve a partir de um gesto anterior, ou seja, a imitação de signos que em algum momento foram emitidos. É nesse sentido que o autor traz o entrelaçamento da realidade e da imaginação dentro do texto e nunca se apoiando em apenas uma delas, com essa perspectiva as criações dos textos passa a ter uma estrutura diferenciada a partir do século XVIII. Quando ao surgimento do romantismo, e posteriormente do romantismo realista, para Zappone e Wielewicki (2003) “é com aquilo que chamamos hoje de período romântico que as conceituações de literatura começam a se desenvolver. Nesse período, escrever sobre algo que não existe, “imaginativo”, passa a ser interessante” (p. 25). O que se torna importante é que as discussões sociais passam a fazer parte da literatura, e usam como um meio de enfrentamento e de dar vazão aos questionamentos e posicionamentos sociais, ou seja, como uma crítica ao período de desenvolvimento que de certa forma prendia a classe trabalhadora a uma forçosa carga horária de trabalho sem os devidos benefícios.

Usando desse meio a literatura brasileira do século XIX coloca através da imaginação, ideais e anseios que ora vinham da sociedade, mesmo que não de forma direta, mas construía nos leitores sentidos libertadores, que eram passados pelas personagens femininas que compunham o texto literário. A partir desse contexto passa a discutir as questões ou representações femininas dentro da literatura brasileira. A crítica literária feminista, surge no século XX, justamente para entender a figura feminina dentro das construções textuais literárias.

Os movimentos positivistas do século XVIII, tinha em sua ideologia os poderes burgueses, a visão de que a figura feminina seria branca, encarregada de ser abnegada, e responsável por conduzir o lar em total harmonia. O desencadeamento de uma nova forma de pensar se deu quando a mulher passou a questionar o seu papel e posição na sociedade e as características que lhes eram impostas socialmente, e tomadas verdadeiramente como algo biológico que marca a personalidade feminina (BEAUVOIR, 1949). O que a literatura do século XIX, fez foi traduzir essas questões, visões e as peculiaridades do processo de enfrentamento social que as mulheres desenvolviam em uma nova representação imaginativa da figura feminina, embora com traços de passividade impostas não biologicamente, mas pela sociedade. Embora os textos literários em análise nesse trabalho tenham por protagonistas, mulheres belas e brancas que possuem seus encantos e fisionomias estonteantes aos olhares masculinos, ela difere justamente no estudo da questão social, categoria que caracterizava a mulher como respeitável, mãe de família abnegada e sempre pronta a servir. Machado de Assis nos traz um

retrato fiel de uma revolucionária que não aceita questões que são impostas pela “família” ou sociedade, defendendo a liberdade de escolha.

Capitu tem personalidade definida, uma moça de família, representação ideal da mulher do século XIX, para José de Alencar, Lucíola rompe com todas as dimensões do certo e do errado, e passa a vislumbrar as questões impostas pela sociedade porém, provoca o leitor com a independência da protagonista, rompendo com a caracterização estereotipada da mulher do século XIX, nesse sentido não menos controverso, Isaura possui o título de escrava, no entanto, a sua subserviência que fazia parte tanto da condição social como escrava, e como mulher, não faz dela uma cativa passiva aos arroubos amorosos masculinos. O que caracteriza Bernardo Guimarães nessa personalidade feminina é desobstruir ao máximo o direito de escolha da mulher e os seus interesses pessoais.

Em várias e diferentes lutas e movimentos, as mulheres foram ao longo do tempo conquistando espaços que se julgavam masculinos, centrados nos “valores” que a sociedade lhes atribuía. As violências que subjugavam a personalidade feminina foram construídos dentro de diferentes contextos sociais, que traduz até os dias atuais o desrespeito à mulher. Essas espécies de enfrentamento esteve presente na literatura nas últimas décadas do século XIX e início do século XX. Com o rompimento de conceitos que caracterizavam a literatura da época, deu-se espaço para o surgimento de uma nova frente de discussões a qual a literatura do século XIX recebe um novo conceito de especialização, este pelo surgimento da crítica literária, buscase redefinir as características que então nominava a literatura. A partir da criação e associação de ideias e conceitos que literatura poderia ser entendida como obras que diferenciavam-se das demais pela sua estrutura criativa e imaginativa, surge então um novo viés que dá a expressão da criatividade humana, como algo de valor, literário (FOUCAULT, 2001).

Nesse mesmo período no mundo, os movimentos feministas e principalmente o desenvolvimento industrial faz surgir novas questões, que estão em grande ebulição por se tratar de temas antagônicos com tendências que suscitam uma nova forma de ver outro. Na Europa, em especial na Inglaterra e na França no século XVIII, surgem os primeiros movimentos feministas que vão intensificar-se no século XIX. A primeira onda feminina aconteceu entre os séculos XIX e XX, e buscava a igualdade de direitos entre homens e mulheres, o enfoque no início do século XX deu-se na conquista do voto através dos movimentos sufragistas. Na França do século XVIII, as mulheres durante a Revolução Francesa lutaram nos *fronts* de batalha, reivindicando direitos que lhes eram negados. Nesse mesmo período conhecido como século

das luzes, surgem novos entendimentos para o conceito de literatura, saindo da ideia de gosto e sensibilidade, para termos criativos e imaginativos, ao tempo que o crescimento capitalista e o monopólio faziam emergir discussões que cambiavam os direitos sociais, tornando indivíduos dependentes de determinados regimes autocráticos.

Cabe então nesse momento a necessidade de desafiar as formas repressivas e compactas da nova ordem social através de argumentos da criatividade humana. No século XIX quando a literatura tenta trazer questões que invocam a contradição do real, com forma de se contrapor as questões que tornava parcelas da sociedade vulneráveis, as lutas femininas ganhavam um novo sentido, porém não absolutos. Tendo por referência o Brasil nesse mesmo período, a figura feminina estava presa à dependência masculina ou subordinada a mesma, como pessoas que não tem uma vida própria ou que não possuía valor na sociedade, que não a doméstica. Dentro do campo literário a representação dessas personalidades femininas estava centrada na descrição do que se apresentava na vida real. Porém em muito das imagéticas femininas observa-se certa subversão do *ethos* que representava a mulher do século XIX.

Convergente com emersão dos movimentos femininos, a literatura brasileira tinha na sua essência, fazer da imaginação algo prazeroso ao ser lido. Nesse mesmo período buscava-se criar uma literatura com características, brasileiras abandonando o tom lusitano, dando autenticidade às brasilidades, das temáticas e a linguagem que estruturavam as obras literárias, iniciando-se assim o período romântico da literatura brasileira no ano de 1836. As figuras femininas presentes nas obras: Dom Casmurro, A escrava Isaura e Lucíola representam um tom romântico que fazia parte da performance da criação literária, embora essas características estejam presente de forma exacerbada nas duas últimas obras citadas, em Dom Casmurro a proximidade com a realidade, faz da mesma o surgir de um novo conceito, diferente, como Romance realista.

### 3. Análise dos textos

A construção literária do século XIX no Brasil guarda suas nuances, o que faz necessário uma leitura minuciosa desvinculando do prazer, partido para as características das personagens, o momento em que elas vivem, a dependência da mesmas, em reproduzir uma referência intervindo de maneira harmônica e dialética com a sociedade/leitor, sem que essa leitura precise romper ou desvincular-se de suas características iniciais. A maestria da leitura feita entre linhas dá-se da necessidade de percepção do valor que a obra tem no meio e das ideias que o autor busca transmitir ou transcrever, visto de uma realidade viva, que se configura em palavras românticas projetadas a um público ávido pela descoberta (AGAMBEN, 2009). A questão em discussão nesse trabalho não é apenas interpretar o texto, mas sim, as personagens e o que elas querem transmitir. Nesse sentido é preciso avançar no senso crítico do leitor que através de uma ética moderna e concisa dentro da leitura, consiga abstrair ou absorver o sentido que o texto transmite. As ações que transcorrem dentro da obra literária caminham para uma sequência de sentidos que dá a noção de um tempo contínuo, sem cortes abruptos distante do irreal. Para melhor entendermos faremos a análise das protagonistas femininas de forma separada, buscando entender a singularidade que cada uma transmite, fazendo uma relação com o tempo espaço.

Embora o protagonista de Dom Casmurro seja Bentinho. Os olhares estão voltados para Capitu, ASSIS (2008, p. 23) “morena, olhos claros e grande nariz reto e comprido, tinha a boca fina e o queixo largo”. Esse romance trouxe para a sociedade a personificação do real, embora com extravagâncias românticas, ele é considerado um romance realista, que se passa nas últimas décadas do século XIX. Há a tentativa do autor em tornar o leitor um construtor do enredo, decidindo o final da história, essa possibilidade é dada a partir da liberdade em que o narrador se situa em dois vieses: ora como personagem dentro do ambiente histórico, ora como público.

O romance realista Dom Casmurro não apresenta abertamente os fatos ou que aconteça de forma facilmente assimilável, pois apresenta uma narrativa, onde o leitor desenvolve o papel de “escritor” descobrindo e conectando os fatos por si mesmo, essa característica do texto remete a saída do autor de cena (a morte do autor), para a entrada do leitor-autor, (BARTHES, 2004).

O caráter exaustivo da obra dá-se das contraversões do texto que dispõe o leitor a percepção de trivialidade, no entanto, o errado tem um sentido único que é construído

justamente pelas oposições e representações do texto. Dentro desse contexto a figura feminina passa a representar paradoxalmente, as constantes forças e desejos da contemporaneidade, talvez o sentido inicial não fosse esse, mas a releitura analítica desvenda os pormenores dentro da construção textual e as ideias do autor. Machado de Assis procurou através da literatura dar vida a personagem.

O que nos faz pensar é que a crescente movimentação feminina no mundo deu à literatura brasileira características diferentes, desvinculados de bases lusitanas. O que dá o sentido de que Capitu refletia os anseios feministas da época tomando frente às decisões, embora pequenos e abstratos, repercutiu algo novo na mulher, que na época era escrava ou vassala do homem (BEAVOUIR, 1949). No Capítulo XVIII quando Bentinho entra na discussão com Capitu entre aceitar ou não o seminário por se tratar de algo de família, o que na época era corriqueiro, por se prevalecer a religião católica, Capitu nega-se a aceitar a separação, embora fosse uma menina de 14 anos, já tinha pensamentos que davam liberdade ao ser aprisionado, no século e nos costumes. Quando ela diz que: “se fosse rica, você fugia, metia-se em um pacote e ia para Europa” (ASSIS, 2008, p. 30). Mesmo que a ideia inicial ao senso comum seria a tentativa de fuga de um futuro casal, que precisa viver uma história de amor, o que o autor transmite através da criação do texto no segundo ponto é que na Europa naquela época de forma efervescente o direito à liberdade fazia-se cada vez mais presente nos horizontes das lutas travadas pelos movimentos feministas.

O lançamento do livro aconteceu em 1899, onde o sufrágio era o tema central das lutas femininas. A escrita embora remeta a uma ideia promiscua de liberdade, dada nas entrelinhas, reflita características da mulher e do que ora vinha acontecendo no mundo. O capitalismo na época foi um dos principais fatores que moldaram os movimentos, no entanto é uma das características de Machado de Assis, visto que a criação do romance mais realista daria um grau maior de aceitação, já que os leitores que em sua maioria eram mulheres, passaram cada vez mais consumir as suas obras, pois, essas personagens femininas da literatura teria algo em comum com os leitores. O processo de construção nesse sentido por parte dos leitores poderia está longe do real sentido da personagem, porém vincularia uma nova forma de pensar e compreender o fazer da mulher na sociedade.

O delinear da obra orchestra a fusão do real ao imaginativo, moldado os textos com aspectos particulares que dava ao leitor a sensação de liberdade e de protagonista da história. O que a literatura no formato de livro difere dos outros meios, é que não oferece imagens prontas

ao leitor/espectador, dando a liberdade na construção de sentidos. O leitor passa a criar em sua imaginação situações que ligam as palavras do texto. O que Machado de Assis fez, torna o leitor um agente inquieto na busca por respostas, da mesma forma como construiu sua personagem feminina. As inquietações amorosas, a capacidade na tomada de decisões, o enfretamento dos problemas eram características fortes de um personagem do século XIX. Pois nesse mesmo período as mulheres ou em sua maioria eram submissas e dependente das decisões dos maridos.

Dom Casmurro é um romance que se passa entre 1857 e 1875, um romance realista que faz relações com Otelo dentro da sua intertextualidade. Embora a obra tenha sido lançada em 1899, no mesmo período em que se instala a república no Brasil, ela traz as características das décadas anteriores, principalmente na disposição do papel feminino. No entanto o autor traz dentro ou através da literatura a crítica ao sistema social e a estrutura que cambiava dentro das relações de poder e de dependência. Embora não haja um rompimento da realidade dentro do imaginativo, tem-se dado uma nova forma de ver e pensar as estruturas em que as mulheres eram seres de caráter doméstico. A escrita e a personificação embora parciais da realidade, faz com que a obra tenha recebido diferentes adaptações, leituras e releituras, buscando analisar as entrelinhas de um texto que transfere ao leitor a responsabilidade de definir o fim. Agora analisaremos a obra de José de Alencar.

Uma das mais belas descrições de uma criatura do século XIX era a que se assimilava a um anjo a figura feminina ao tempo que tornava embriagada a imaginação do homem. Foi essa uma das características do romantismo em definir de forma desvelado a beleza da mulher, o que José de Alencar buscou o máximo caracterizar Lucíola como uma personagem capaz de inebriar a mente do leitor.

Por se tratar da obra mais antiga das três em análise, foi publicada em 1862, a mesma é estruturada com características femininas, ao tempo que torturados por contradições antagônicas que delineia o romance que se passa por volta de 1855. O grande período de conturbações sociais no Brasil e no mundo, dá a obra um olhar diferente, partindo de nuances desconexas presente na protagonista. A criação da obra deu-se em meio a um século em que a sociedade burguesa no Brasil tinha enraizado costumes marcados de aparência em que o homem deveria ser cortês e a mulher pura.

Essa heteronormatividade ditava a posição da mulher na sociedade, seria de família, pronta para servir ao homem ou como em Dona das Camélias, prostituta. A criação de uma figura feminina com tais características passíveis de condenação, não seria apenas uma forma

de apresentar uma literatura diferente com um romance que ultrapassava a visão social, dando um novo sentido para o amor, mas sim da liberdade à figura feminina de dispor-se socialmente com igual direito que qualquer outra mulher da sociedade, o que o autor faz através de Lucíola é criticar a posição subjugada e de dependência da mulher, para com o homem.

A questão da passagem feminina não está em como ela vive e porque ela vive, mas que o direito de conviver em sociedade seja respeitada. A transfiguração da mulher vem de José de Alencar como uma cópia de: “A Dama das Camélias”. No entanto o que se observa em Lucíola é transmutação da feminilidade, do surgimento de uma força feminina que independe dos conceitos sociais e da submissão masculina.

As convenções sociais do século XIX traz uma estrutura autocrata, despedindo a negação de tudo que fosse de encontro aos bons costumes. O que se dava no fervor da sociedade era a tentativa de romper essas ideias que determinavam obrigatoriedade de como viver. Independente do espaço que ocupa na sociedade, José de Alencar buscou dar a Lucíola um ar revolucionário de uma mulher que luta pelos seus interesses, independente das visões dos outros, em semelhança entre a escrita e a realidade que se passava na Europa, não se dava por mera coincidência pois embora a literatura tivesse tomado características diferentes, ainda possuía em seu DNA vestígios europeus na imaginação dos autores brasileiros.

Lucíola foi questionada pela aproximação com Manon Lescaut e com Margarida personagem de: A Dama das camélias. Talvez o que José de Alencar buscou através da literária do texto, foi criticar os julgamentos da sociedade. A cortesã descrita pelo autor traz aos leitores comuns uma noção diferente da mulher, a força que a mesma tem na sociedade. O público de leitores da época era majoritariamente de mulheres, que apreciava a vida por devorar páginas e páginas, imaginar-se ou reconhecer-se dentro da história, depois dissuadir-se da mesma; o que as mesmas encontraram em Lucíola é mais do que uma história de amor, mas principalmente o porquê da mesma ter virado cortesã. No capítulo 19 a crítica do leitor surge como um perdão a Lucíola pelos motivos de se tornar aquela mulher, porém os olhos e a mentes do século não entendiam apenas julgavam, o que o autor, busca é criticar a sociedade por valorizar a aparência em detrimento da real força feminina e dizer que a mulher é importante. Chegamos a terceira obra em análise.

No século XIX não só as marcas dos movimentos feministas desestabilizaram o cotidiano da sociedade mundial, como no Brasil os grandes movimentos da população negra tingiam de esperança o novo alvorecer do dia seguinte, nesse mesmo período grandes

manifestações pró liberdade negra e igualdade social faziam parte das conversas, das reuniões de pequenos grupos e até mesmo da grande elite social brasileira, que não se identificava como escravocrata ou que a apoiasse. A literatura por sua vez no auge do desenvolvimento de pensamentos e da imaginação, retorquiu a morosidade da liberdade negra dando passagem ao pensamento crítico que ao mesmo tempo repudiava a escravidão. Dentro desse contexto, a mulher surgia como um ser forte com características positivas, com ideias que davam à figura feminina a firmeza de vontade de ser, de estar e de respeito e direito na sociedade.

Isaura detinha essas características, Bernardo Guimarães a criou em plena campanha abolicionista no Brasil, o seu livro foi lançado em 1875, momento esse em que a efervescência feminista tomava as assembleias, bicos, os salões de festas, os fatos cotidianos das mulheres. Embora as lutas da época fossem protagonizadas pelas mulheres brancas da elite, Bernardo Guimarães buscou unir a sua protagonista a duas vertentes: o de ser mulher e a de ser escrava, embora o sentido da criação de uma escrava branca fosse tornar aceito a sua obra. Isso deve-se ao fato que as leitoras eram mulheres brancas de elite social. Ele critica de forma disfarçada que a luta feminina não deveria ser apenas em benefício da mulher branca, mas também à negra.

O sentido que o autor tenta passar é que na época as escravas eram negras, daí a junção e criação da escrava Isaura que embora fosse escrava tinha pele branca. Apesar de que o período romântico no Brasil teve início em meados de 1836 e a criação da obra é feita no ano de 1875, as características românticas, com exacerbação de pensamentos e sentimentos, dá a mesma característica diferenciada, que, ao tempo que aproxima se distância da realidade. A criação de Isaura como uma protagonista feminina em sua obra, trouxe as reflexões das visões sociais, mas, mais do que isso, construiu uma personagem forte e independente. Embora escrava e serva do seu senhor, é vista aos olhos da sociedade como simples cativa, Isaura sempre impôs seus desejos e anseios e lutou pelo que acreditava, contudo a maleabilidade da obra dá sentidos em que a personagem fraqueja em determinados momentos, as atitudes seguintes inquirir o seu poder de decisão e pensamentos. Um dos grandes fatores da época no mundo é que os movimentos feministas enfrentavam grande resistência de grande parcela da sociedade conservadora. As oposições de pensamentos, os enfrentamentos, e as greves organizadas.

O que o autor fez ao criar Isaura foi defender que independentemente da posição social ou da condição, a liberdade de escolha é um direito da mulher. Bernardo buscou, embora com um olhar romântico, refletir dentro do texto, visões projetadas no horizonte que refletia novas formas de pensamento.

A resistência de Isaura contra a investida de seu senhor (Leôncio) já se assemelhava com uma das características dos movimentos feministas que era a liberdade de escolha e de como viver e participar da sociedade. Ao fugir com o pai, Isaura marca uma forma de resistência, algo que estava acontecendo com grande intensidade no Brasil, que era a fuga dos negros para os Quilombos. Ao mesmo tempo manifesta-se o desejo de mudança com a busca de uma nova forma de vida, nada distante dos anseios dos movimentos feministas. A crítica literária passou a questionar as produções literárias imaginativas criativas no final do século XIX e início do século XX, no entanto, foi através ou por meio dessa criação que a literatura brasileira buscou criticar e vincular a grandes reflexões desse processo de criação que vão além do simples fazer ou porque fazer, mais sim, a ética é entender como fazer.

Nesse sentido a observação do concreto fez dar imaginação, fluir pensamentos, que criam uma nova forma de criticar e de vincular por meio da literatura a vida real. O autor está a serviço da literatura e a literatura a serviço da sociedade /leitor.

A análise das obras não pende por uma tendência crítica natural reconhecida na construção de ideias e na gradativa evolução de ações, visados pelo pensamento autoral. O que se fundi aqui é estabelecer relações dentro da literatura de dois caminhos que a caracterizava no século XIX: imaginativo e criativo, com a proporção de discussões e representações que as mulheres tomavam frente, diante dos movimentos feministas do século.

No contexto em que Isaura, Lucíola e Capitu são criadas, transborda os pensamentos autorais para facilitar a construção de uma crítica social dentro ou através da literatura. O momento social em que se cria as três obras que aqui são analisadas é tingido de sangue da esperança. Os movimentos sociais principalmente da população negra no Brasil e a inquietação feminina na Europa, davam à literatura um toque sutil de realismo. Esse surgimento não só representa uma forma de escrever literatura, mas seria através do imaginativo que a criação fluía em confluência com a crítica da realidade. A dialética das obras torna visível ao leitor a noção de sentidos que são construídos a partir de verossimilhança, entre as narrativas desenvolvidas no texto. O que vale nesse contexto é a capacidade da mídia em representar e criticar a realidade dando o *ethos* de criação no desenvolvimento das personagens.

#### 4. Considerações finais

Ao final da construção de um texto, o autor dá espaço para o leitor criar o seu próprio sentido, isso tendo por base estruturante o próprio contexto em que a obra foi construída. A releitura ou desleitura de uma obra pode dar-lhe novo sentido, ou agregar mais valor qualitativo para sua estrutura e a sua finalidade. Nesse sentido o autor que muitas das vezes traz um entrelaçamento entre a imaginação e a criação, condicionado a realidade viva do contexto de criação da obra, apoiando-se muita das vezes em uma subjetividade transformadora, faz com que a construção do pensamento do leitor, vá para além da finalidade inicial do mesmo, identificando uma nova finalidade que não apenas a de interação e de prazer, mas a de subverter algo ou situação inóspita, que constitui o contexto social do leitor e do autor. A releitura da literatura do século XIX, em especial *Lucíola*, *A escrava Isaura* e *Dom Casmurro*, traz um novo olhar dentro do contexto feminino abordado durante séculos, o que evidencia nas obras, é que a literatura foi um dos caminhos mais produtivos, que deu vozes às feminilidades e anseios existentes dentro da sociedade de estrutura patriarcal, onde a mulher tinha por missão ser uma boa esposa, dona de casa e mãe, nada além disso. A releitura analítica dessas obras fez evidenciar personagens com características diferentes do “normal”, embora as obras estivessem a serviço do capitalismo, possuíam essa característica de força, que representava ou apresentava a mulher como um ser de valor, com direitos e vontades próprias. A luta feminina teve início no final do século XVIII, com diferentes movimentos que perduram até a contemporaneidade como um grande desafio de igualdade e respeito, que tem grandes atores que dão significado e valor à mulher e aos movimentos feministas, que alimentam a nova sociedade que se quer alcançar. A literatura em contexto social vem contribuindo para que haja a constituição de uma sociedade que respeite, valorize e construa um novo olhar diante da mulher e dos diferentes movimentos feministas

## Referências

- AGAMBEN, Giorgio. O que é um dispositivo? *In*: AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo?** e outros ensaios. Tradução de Vinicius Honesko. Chapecó: Argos, 2009.
- ALENCAR, Jose de. **Lucíola**. São Paulo: Moderna, 1993.
- ASSIS, Machado de. **Dom Casmurro**. São Paulo: Ciranda Cultural, 2008.
- BARTHES, Ronald. **O prazer do texto**. Tradução de J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- BARTHES, Ronald. A morte do autor. *In*: BARTHES, Ronald. **O rumor da língua**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. [s.l.]: Nova Fronteira, 1949. v. 1 e 2.
- FOUCAULT, Michel. O que é um autor. *In*: FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos**: estética – literatura e pintura, música e cinema. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001. v. 3.
- GUIMARÃES, Bernardo. **A escrava Isaura**: São Paulo: Moderna. 1994.
- ZAPPONE, M. H. Y.; WIELEWICKI, V H. G. Afinal o que é literatura?. *In*: BONNICI, T; ZOLIN, L. O. (org.). **Teoria literária**: abordagens históricas e tendências contemporâneas. Maringá: Editora da Universidade Estadual de Maringá, 2003. p. 19-29.

Artigo submetido em: 01 maio 2020

Artigo aceito em: 22 jul. 2020